

Tavares, Manuela, Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)

Carla Cerqueira



Electronic version

URL: <http://rccs.revues.org/1608>
ISSN: 2182-7435

Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Printed version

Date of publication: 1 septembre 2011
Number of pages: 122-124
ISSN: 0254-1106

Electronic reference

Carla Cerqueira, « Tavares, Manuela, *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 94 | 2011, colocado online no dia 01 Outubro 2012, criado a 30 Setembro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/1608>

The text is a facsimile of the print edition.



Tavares, Manuela (2011), *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*. Lisboa: Texto, 746 pp.*

O livro *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)* resulta da tese de doutoramento de Manuela Tavares, investigadora do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) e ativista na União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). A autora iniciou a investigação académica neste campo há vários anos, tendo já publicado, em 2000, *Movimentos de mulheres em Portugal*.

Este novo e extenso volume é uma obra pioneira que apresenta uma abordagem histórico-sociológica e que vem colmatar uma lacuna na investigação nacional. Como é possível ler-se na contracapa, tem como objetivo principal “traçar os percursos dos feminismos em Portugal em meio século de História”. Uma tarefa árdua e desafiante, a qual é explicada sobretudo pela perda de ‘memória histórica’ que o regime do Estado Novo trouxe consigo e que se perpetua em muitos casos até aos dias de hoje.

A obra está dividida em três partes: na primeira explora-se o enquadramento conceptual, estando já este alicerçado na análise de documentos escritos e fontes orais, traçando a evolução da sociedade

e dos feminismos em Portugal desde a década de 1950; na segunda apresenta-se um estudo empírico com estudantes; e na terceira há uma síntese conclusiva sobre a evolução da teoria feminista e da necessidade de reconfiguração das correntes, onde se levantam algumas interrogações advindas da contemporaneidade.

A autora inicia com o mapeamento dos feminismos desde a década de 1950, período esse marcado pela ditadura e pela diluição do ativismo feminista nas movimentações sociais antifascistas. A caracterização das vivências salienta a importância da instrumentalização ideológica para mostrar que as mulheres pertenciam à esfera doméstica e que o regime necessitava do seu apoio enquanto guardiãs da família e dos bons costumes. A autora, à guisa de outros estudos, salienta a importância de não se confundirem as associações femininas, criadas pelo próprio regime para veicular os seus ideais, com as associações feministas. Continua explicando as especificidades do contexto português, que permanece impenetrável às ideias de vanguarda vindas do exterior e que fazem a apologia da emancipação das mulheres e dos valores

* Por vontade da autora, este texto segue a nova ortografia.

associados aos feminismos de segunda vaga. É nesta fase que começa a engrossar a oposição ao Estado Novo, em que as mulheres tiveram um peso relevante, sobretudo pelo aumento da participação no mercado de trabalho, consequência da Guerra Colonial e da ida dos homens para a arena de combate.

Os anos 1970 são descritos por Manuela Tavares como a “década de mudanças” (p. 175), protagonizada pela escrita de *As novas cartas portuguesas*, obra polémica que viria a mostrar a vitalidade das ideias feministas. Porém, estas tornam-se mais visíveis a nível externo do que em Portugal, criando uma rede de solidariedade impressionante. Mas é precisamente nesta fase que as mulheres começam a ascensão para a esfera pública, estando presentes nas movimentações da época, nas páginas dos jornais e nas revistas, na criação de associações que lutassem pelos seus direitos. Curiosamente, a sua presença fica diluída nas manifestações mais gerais e a ligação aos primeiros feminismos parece estar esquecida. É neste cenário de alguns avanços, mas também de alguns retrocessos, que se entra nos anos 1980. Esta época é igualmente marcada pelo posicionamento da igualdade na agenda política internacional com a criação de várias iniciativas, como por exemplo a Década da Mulher (1975-1985), a oficialização pelas Nações Unidas do Dia Internacional da Mulher (1977), a criação do Ano Internacional da Mulher (1975), a par dos mecanismos institucionais. No caso português destaca-se a emergência de algumas associações, dos organismos estatais de promoção da igualdade e das lutas menos ortodoxas que aparecem no seio dos movimentos, como é o caso do aborto. Este tema vai marcar a agenda dos feminismos em Portugal ao longo das décadas. É nesta fase que a autora também dá voz a mulheres com percursos conhecidos

na vida pública e que nunca negaram o ativismo feminista, como é o caso de Maria de Lourdes Pintasilgo, Maria Teresa Horta, Maria Antónia Palla e Maria Alzira Lemos. Dos anos 1990 até à atualidade Manuela Tavares ressalta a criação de redes transnacionais e a projeção de um discurso plural, multiforme e abrangente, que posiciona os feminismos num elevado nível de complexidade. Se muitas conquistas são evidentes, outros desafios se colocam, sobretudo a reconfiguração de uma agenda feminista que responda às preocupações vividas num mundo dominado pelo capitalismo e pela globalização.

Em termos de estudo empírico, e para complementar toda a análise já efetuada com o recurso a documentos e a testemunhos dos diversos períodos e áreas que se cruzaram e continuam a cruzar com os feminismos em Portugal, a investigadora estudou a forma como as/os estudantes do ensino secundário olham para estas questões. Ao conceptualizar a escola como um local que permite a (re)produção de (des)igualdades, Manuela Tavares foca o cerne do processo educativo, procurando respostas para diversas e complexas problemáticas. Através da aplicação de questionários e da realização de entrevistas a estudantes do 12.º ano de escolas de Almada e Viseu, aborda questões relacionadas com a consciência das discriminações, a partilha das tarefas domésticas, a violência, as sexualidades, o significado do feminismo, entre outras. Em traços muito gerais conclui que existem diferenças de opinião entre raparigas e rapazes em várias áreas. Destaca-se o facto de elas terem maior noção das desigualdades ao longo da vida. Outro aspeto interessante são os perfis mais evidentes em termos de posicionamentos feministas: uma grande parte adota o feminismo tácito, isto é, defende os direitos das mulheres, mas não se assume como feminista. Estes dados revelam

conclusões que merecem um maior aprofundamento, uma vez que aqui está mais uma vez patente a falta de memória histórica e a necessidade de desmistificar o que se entende por feminismos.

Na parte final do livro, a autora reflete sobre a necessidade de reconfigurar as correntes feministas, a par de uma maior articulação das diversas esferas onde os feminismos confluem em termos de analíticos e de reflexão, como são as organizações não-governamentais e as universidades. Defende que já não se pode recorrer à tipologia das correntes tradicionais e avança com novas designações, um aspeto inovador do livro. Aqui salienta-se o “feminismo de agência ou de intervenção social” (p. 652), que prima pela articulação das/os várias/os atoras/es sociais, fazendo o contraponto com o feminismo

institucional, mas sem correr o risco da absorção.

Termina frisando que é preciso ajudar na construção deste “novo sujeito feminista político, plural, abrangente das mulheres de diversos sectores sociais” (p. 662), que tem que ser encarado numa perspetiva interseccional. Este é o desafio final da autora, numa obra que, além de fomentar a reflexão, inquieta, leva a questionamentos e, acima de tudo, abre a possibilidade de diálogo. Um manual essencial para qualquer pessoa que se interesse por estas questões, para estudantes na área, para as novas gerações que não passaram por todas estas transformações sociais e que devem ter presente que todo o conhecimento é localizado.

Carla Cerqueira